

UM NOVO RETORNO DA MORFOLOGIA

Luiz Carlos Schwindt¹

Ana Paula Scher²

Gisela Collischonn³

Emanuel Souza de Quadros⁴

schwindt@pq.cnpq.br

anascher@usp.br

giselac@via-rs.net

manuquadros@gmail.com

A morfologia, entendida como ramo da Linguística que estuda a estrutura, a formação e a categorização dos vocábulos, tem uma história de altos e baixos. Viveu seu auge no estruturalismo distribucionista e seu franco esquecimento no início do gerativismo. Isso em função, sobretudo, da interpretação acerca de seu objeto de análise. Enquanto para os distribucionistas o objeto da morfologia era o morfema – menor unidade portadora de significado (em oposição ao fonema) –, para os primeiros gerativistas esse objeto não fazia mais sentido. Uma vez que o foco estava na sintaxe – ou na relação entre as palavras para formar unidades maiores –, a estrutura interna da palavra era pouco relevante, por não revelar, no entendimento dessa perspectiva, um sistema gerativo.

É com a hipótese lexicalista, plantada por Chomsky (1970), que a morfologia volta a figurar em um módulo específico, combinada com o léxico. A partir daí, diferentes correntes

¹ Docente/pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

² Docente/pesquisadora da Universidade de São Paulo e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Bolsa de Pesquisa no Exterior, processo 2011/10818-5.

³ Docente/pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁴ Mestrando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

dessa hipótese vão garantindo a essa área da Linguística novo relevo: seja pela ampla difusão das ideias da Morfologia Lexical, especialmente na versão de Aronoff (1976), seja pela proposta de combinação, no léxico, da morfologia com a fonologia, no que se convencionou chamar, a partir de Kiparsky (1982), de Fonologia Lexical. As décadas de 1970 e 1980 foram, portanto, dominadas pela morfologia de cunho lexicalista, em diferentes configurações.

No início da década de 1990, novas concepções sobre gramática adquirem peso: por um lado, na fonologia, avança a Teoria da Otimidade (McCarthy and Prince, 1993; Prince and Smolensky, 1993); por outro, na sintaxe, o Programa Minimalista (Chomsky, 1995). Essas concepções não privilegiam a morfologia, mas, talvez por isso mesmo, ela volta a ganhar foco: ressurgem a discussão sobre o lugar da morfologia na gramática. Nessa perspectiva, o investimento mais significativo pode ser atribuído à Morfologia Distribuída, proposta inicialmente por Halle and Marantz (1993). A inovação desse modelo está, sobretudo, na recuperação de uma antiga hipótese, a de que a morfologia não existe *per se*, mas está "distribuída" em diferentes lugares da gramática e deve, por princípio, espelhar as operações sintáticas. Rejeitando a ideia do amálgama morfema-fonema enquanto primitivo linguístico e de um sistema gerativo próprio para a morfologia, pode ser considerada a antítese do lexicalismo. A Teoria da Otimidade, por outro lado, dá passos lentos no tratamento da morfologia: num primeiro momento atribuindo muito ao léxico e pouco às restrições, até chegar a concepções mais sofisticadas de morfologia capazes até mesmo de lidar com uma morfologia mais abstrata, de base realizacional. Não se opõe, como a Morfologia Distribuída, à hipótese lexicalista, mas a redimensiona na perspectiva de uma gramática que abre mão do serialismo.

No Brasil, todos esses movimentos teóricos – e tantos outros cobrindo fenômenos morfológicos – tiveram reflexo em termos de pesquisa. Mattoso Câmara, valendo-se do legado dos antigos gramáticos, encarregou-se de descrever em pormenor nossa morfologia, na perspectiva distribucionista – o que se configurou como ponto de partida incontestado em qualquer estudo de morfologia do português até os dias de hoje. A Morfologia Lexical contou com a importante e inaugural contribuição de Margarida Basílio, desde sua tese, passando por livros e artigos que se constituíram como referência na área, e motivaram muitas outras análises. Os trabalhos de Leda Bisol difundiram a Fonologia Lexical no país e serviram como balizadores de um sem fim de tantos outros importantes trabalhos preocupados em investigar a interface fonologia-morfologia. Mais recentemente, mas já há mais de uma década, ao lado de tantas outras abordagens morfológicas, os estudos de morfologia em Teoria da Otimidade e

em Morfologia Distribuída alimentam significativos estudos em diferentes grupos de pesquisa no Brasil.

Foi com o intuito de discutir trabalhos em morfologia, mas também de 'registrar' de alguma forma esse importante trabalho que se vem fazendo na área desde que se ouviu falar em Linguística em nosso país, que pensamos em realizar o I Colóquio Brasileiro de Morfologia, nos dias 30 e 31 de maio de 2011, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contamos com a presença de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras, que apresentaram trabalhos em variadas perspectivas teóricas e descritivas, sempre acompanhados de contundente debate.

Este número especial da Revista Virtual de Estudos da Linguagem reúne, em 13 artigos sumariados a seguir, algumas das mais importantes contribuições do I Colóquio Brasileiro de Morfologia.

Carlos Alexandre Gonçalves analisa um conjunto de palavras morfologicamente complexas do português comumente denominadas de “compostos neoclássicos”, com o objetivo de examinar a estrutura dessas palavras, considerando o estatuto de seus elementos constitutivos e sua relação com formações de mesma natureza em línguas como o inglês, o francês e o grego moderno.

Vitor Nóbrega trata da influência dos elementos sino-japoneses nos processos de formação de palavras da língua japonesa, discutindo a dificuldade gerada por esses elementos na definição de um derivado prefixal e de um composto nessa língua.

Ana Paula Scher apresenta uma descrição de formas que a literatura sobre processos de formação de palavras vem tratando como resultantes de um processo de truncamento aplicado a formas pré-existentes na língua, visando a um futuro tratamento desses dados na perspectiva da Morfologia Distribuída.

Leda Bisol trata dos diminutivos e, numa perspectiva otimalista, defende que o diminutivo mais produtivo do português é o morfema *-inho*, que se reveste da consoante epentética /z/, para satisfazer exigências estruturais, tais como ter *onset* e preservar traços fonológicos e certas posições estruturais da base.

Margarida Basilio, partindo do pressuposto de que construções lexicais são simbólicas, procura demonstrar a relevância de padrões metonímicos, em conexão com padrões morfológicos de formação de palavras, para a interpretação de formas derivadas.

Eduardo Soares e Pablo Ribeiro, ao tratarem da natureza de clíticos pronominais na perspectiva da abordagem realizacional em HPSG, buscam mostrar, em linhas gerais, que, embora os fatos não constituam evidência definitiva para uma análise como afixo, um

tratamento que preserve a Integridade Lexical do conjunto clítico-verbo é mais apropriado para lidar com os fenômenos envolvendo clíticos em português brasileiro.

Paulo Chagas de Souza trata do sincretismo na formação de participípios sem vogal temática nem morfema participial *-d-*, como no caso de *chego*, ao lado de *chegado*. Esse tipo de sincretismo é analisado pelo autor como um caso de sincretismo direcional em que o participípio passado copia a forma da primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo.

Emanuel de Quadros apresenta uma discussão sobre o conceito de produtividade morfológica e de alguns métodos de medição de produtividade encontrados na literatura. Aplica um índice que considera a frequência de *tokens* dos processos morfológicos a um conjunto de sufixos nominalizadores do português, considerando um corpus de textos escritos retirados de blogs, e problematiza os resultados alcançados.

Paula Armelin observa a interação entre as marcas envolvidas na formação do diminutivo e do aumentativo no português do Brasil, com o objetivo de descrever o estatuto sintático dessas formações na perspectiva da Morfologia Distribuída.

Rafael Minussi, considerando estudos sobre composição em diferentes perspectivas teóricas, apresenta uma análise na perspectiva da Morfologia Distribuída. Defende que há compostos formados por apenas uma raiz, como o caso de *pão-duro* e *ferrovia*, e compostos que são formados por uma estrutura funcional, cujo núcleo é ocupado por operadores semânticos como SORT, AND e OR.

Indaiá Bassani e Marcus Lunguinho revisitam as análises clássicas acerca da formação do presente, do pretérito imperfeito e do pretérito perfeito do indicativo do português, à luz da teoria da Morfologia Distribuída. Segundo sua análise, o que comumente denominamos de flexão verbal é a combinação de núcleos sintáticos na derivação, obedecendo a restrições de localidade.

Guilherme Garcia examina como morfologia e fonologia interagem na aquisição do inglês como língua estrangeira, observando mais especificamente como se dá a mudança de padrão acentual frente à afixação em L2.

Luiz Carlos Schwindt propõe uma análise de zeros na flexão nominal portuguesa numa abordagem otimalista realizacional, a HS-OI – perspectiva teórica que combina pressupostos do Serialismo Harmônico com a Optimal Interleaving Theory. A ideia central é a de que restrições de marcação sobre fronteiras de palavra prosódica afetam a realização da vogal temática e dos morfemas de número e de gênero de forma escalar.

Esperamos que o conjunto desses artigos, inserido no contexto do I Colóquio de Morfologia, contribua para o avanço dos estudos em morfologia realizados no Brasil e motive a continuidade dessas e de outras pesquisas na área.

Os organizadores.

REFERÊNCIAS

1. ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.
2. CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. and ROSENBAUM, P. (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Blaisdell, 1970.
3. _____. *The minimalist program*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
4. HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, p. 111-176, 1993.
5. MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction. ms., University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University, 1993.
6. PRINCE, A. S.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. ms, Rutgers University e University of Colorado-Boulder, 1993.